

SOBRE A TRADIÇÃO ORAL ALGARVIA. 1— POESIA RECOLHIDA NA FREGUESIA DE QUERENÇA. AS ORAÇÕES

Maria Aliete Dores Galhoz*

Este breve trabalho destinou-se a um colóquio realizado em 13 de Junho de 1994 na Universidade do Algarve aquando da apresentação desta obra, *Tradição Oral Algarvia. 1— Poesia recolhida na freguesia de Querença*,¹ que, esperamos, será seguida de outros volumes, sob perspectivas mais alargadas e sistematizadas, uma vez que a própria Universidade já tem criado um Centro de recolha e estudo desta memória e uma publicação específica, *E. L. O.*, para sua divulgação. Em boa hora sob o nome do incansável colector de informações, textos, curiosidades de usos e costumes populares, que foi d'Ataíde Oliveira, este Centro tem na sua mão o bom augúrio da fértil colheita realizada pelo seu patrono e, ainda, o da sua dedicação pedagógica, honrosos vínculos quando se juntam à preparação científica especializada e à capacidade operatória que a Universidade congrega, exige e permite aos seus professores e investigadores. No limiar que foi esse primeiro colóquio, primeiro convívio, pediram-me, José Joaquim Dias Marques e Isabel Cardigos, uma curta reflexão sobre as orações, partindo dos espécimes presentes no livro que era apresentado. Escrito como simples apontamento sobre uma leitura, aqui o damos sem alteração, salvo uma ou outra referência mais circunstanciada respeitante a textos.

As orações, na perspectiva classificatória apresentada por João David Pinto-Correia, são incluídas, e a propósito, nas “composições de carácter lírico”. Como “*composições de carácter lírico*” e segundo definição do Autor:

Dizem respeito à autêntica experiência da vida do Povo, na qual o sentimento ou a crença se revela como o suplemento principal da vivência quotidiana. São quase sempre em verso [...] Nessas composições, distinguiremos três subconjuntos:— em primeiro lugar, o das *práticas de carácter prático-utilitário*, em que evidenciaremos: a) *as práticas de intenção mágica e religiosa— rezas e orações paralelas* (em relação às oficiais, da Igreja): por exemplo, o 'Padre Nosso Pequenino', 'Oração ao Levantar' ou 'Oração ao Deitar', qualquer uma delas com motivos densos de carácter simbólico.²

Na apreciação de facto é difícil distinguir se se carregam, as orações, de um predomínio de função mágica ou se do predomínio da oração espiritual propriamente. No mais comum os usuários das orações integram-nas na prática do seu quotidiano como expressão ligada a rituais, familiares, individuais, ou comunitários, adentro da sua crença e advindo do factor essencial da fé. Se acontece, e acontece, ou, pelo menos, acontecia!, acharem necessário intervenções especiais, o costume é recorrer a pessoas conhecidas como singularmente aptas para tal: ou *por dom*, ou *por saber*, ou *por poder*. Na prática usual da oração, o sincretismo, o compósito aglutinado de várias orações numa só, a atracção, por vezes só mnemónica, de conjuntos simbólicos (creio que se lhes não poderá

* Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Alameda da Universidade. 1699 LISBOA CODEX. Portugal.

¹ Coordenação de Fátima Rosado, Faro, Secretaria de Estado da Cultura (Delegação Regional do Algarve) e Universidade do Algarve, 1993.

² João David Pinto-Correia, “Os Géneros da Literatura Oral Tradicional: Contributo para a Sua Classificação”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 9 (Julho de 1993), pp 65-66.

propriamente aplicar o termo de “sequências”) indefine, na consciência de quem ora, sentidos específicos, no acto simples de orar e crer e esperar e confiar na eficácia benéfica da sua oração.

Por exemplo, veja-se o *Padre Nosso Pequenino*, acima apontado, e presente, nesta colectânea, com o nº 225 (p.89), que cito:

Padre Nosso pequenino,
tem a chave do menino,
quem *no* deu quem *no* daria,
S. Pedro, Santa Maria,
cruza em monte, cruza em fonte,
o pecado não me encontre,
nem de noite nem de dia,
Padre nosso, Avé Maria.

Acrescento a versão que eu própria aprendi em pequenina com meu pai, também algarvio, natural de Boliquireme:

Padre Nosso pequenino,
tem as chaves o Menino,
quem as deu quem as daria,
S. Pedro, Santa Maria,
cruz em monte, cruz em fonte,
mau pecado eu não encontre,
nem de noite nem de dia,
nem ao pino do meio-dia;
já os galos cantam,
já os anjos se alevantam,
já o Senhor subiu à Cruz,
Para sempre amém Jesus!

E, ainda, esta, recolhida em Lisboa por Consiglieri Pedroso no terceiro quartel do século passado:

Padre nosso pequenino!
Quando Deus era menino,
Põe a chave no divino (*sic*).
Quem a pôs, quem a poria?
Foi a Santa Madalena.
Cruz do monte! e cruz da fonte!
Nunca o Demónio me encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem à hora do meio-dia.
Já o galo cantou,
Já o menino se alevantou,
Já o Senhor está na cruz.
Para sempre. Amen Jesus!³

De circulação intensa na Idade Média propagou-se por todo o mundo cristão e volvida nas línguas autóctones tornou-se das mais populares e difundidas *oralmente*, tanto mais que entrou no património infantil, pois era uma das orações que primeiro se ensinavam às crianças mais pequenas. Feita de imagens e

³ *Romania*, vol. X (1881), 100-116; reeditado em Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e Outros Escritos Etnográficos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, pp 353-358; este texto, p. 360. Cf., para o *Padre-Nosso Pequenino*, o magnífico artigo, recentemente saído, de José Manuel Pedrosa, "Padres nuestros mayores y pequeños: fuentes antiguas y difusión moderna de algunos conjuros mágico-religiosos", *Annali dell' Istituto Universitario Orientale — Sezione Romanza* (Nápoles), XXXVI, 1 (1994) (separata).

fórmulas, agenciadas parassintacticamente, e que se atraem umas às outras pela aproximação rimática, tende a uma fórmula global de protecção. Semelhante construção e o mesmo objectivo de protecção, mágica, dentro da fé e não do poder próprio de quem a profere, a *Oração de S. Silvestre* (nº 224, p. 89):

Oração de S. Silvestre
a camisa que ele veste,
as três pedras do altar,
e as três missas do Natal,
enquanto Deus quiser,
nem homem nem mulher
me poderá fazer mal.

Era crença que quem recitasse esta oração, ou outras equivalentes, ao deitar-se, se tornaria invisível para quem quer que se lhe chegasse ao pé com má intenção. A narrativa popular inclui o reconto de casos referindo o efeito protector da oração, normalmente atribuídos como acontecidos a pastores, dormindo isolados nos montes com seu gado, e dados como tendo recitado apenas metade da oração, por terem adormecido, e quem se lhes havia chegado ao pé para lhes fazer mal ter fugido assustado ao ver deitado na cama apenas metade do corpo da pessoa e revelar depois o acontecido pedindo a explicação do facto.

Mais próximos aos cânones oficiais da devoção da Igreja-instituição são os "louvores" à Virgem, ao Menino Jesus, sobretudo em quadras de redondilha menor (cinco sílabas), usando normalmente o artifício estrutural e estilístico do *leixa-pren* e remontando a cantos religiosos difundidos no século XVIII; como é o canto dedicado à Virgem e difundido em toda a memória popular de Portugal:

Nome de Maria
Tão bonito é
Salvai a minha alma
Que ela vossa é.

Que ela vossa é
E sempre há-de ser
Salvai a minha alma
Quando eu morrer.

Quando eu morrer
Quando eu acabar
Salvai a minha alma,
Para bom lugar.

[...]

(nºs 247-256, pp. 101-102).

Também conhecido em toda a tradição portuguesa, o canto que acompanhava a saída solene do viático levado a um moribundo e usado também no final da recitação do terço. Constitui as *Excelências da Virgem*, cantadas, enumeradamente, de Uma a Treze:

[...]
Seclaro aberto,
sai o Senhor fora
visitar uma alma
que vai para a glória.

[...]
Bendita seja a alma
que no céu se tem,

são três horas dadas,
Bom Jesus não vem.

Abram-se essas portas
que além vem Jesus
de braços abertos
progados na cruz.
(nº227, p.90)

Estranha composição, de que não conheço nenhuma versão assim agenciada, paralela, pela estrutura cumulativa, às *Doze palavras ditas e retornadas*, é a que começa:

Ai de mim ai que é uma
Uma tábuas de Mousé
E eu não sei
Triste filho é o Noé.

Ai de mim que são duas
Duas tábuas de Mousé
E eu não sei
Triste filho é o Noé.

Ai de mim ai que são três
Três para trás quem
Duas tábuas de Mousé
E eu não sei
Triste filho é o Noé.

Ai de mim ai que são quatro
[...]
(nºs 232-239, pp. 93-95).

É referida como uma das orações cantadas ou recitadas para espalhar as trovoadas, tal como a oração de S. Cristóvão (*As Tabuinhas de Moisés*) era também esse um dos usos que tinha. Conheço uma versão de que cito este bocadinho:

[...]
As tábuas de Moisés que me ensinou José,
a primeira é Jesus Cristo
que reina no alto Céu,
quatro Evangelistas,
três patriarcas profetas,
Abraão, Isac e Jacob.
[...]

Esta oração de *As Tabuinhas de Moisés*, como outras, como por exemplo a do *Justo Juiz Divinal*, impressas em minúsculos folhetos, impressos numa tipografia de Loulé, vendia-se pelos "montes", pelos bufarinheiros, e nas feiras e mercados do concelho de Loulé e limítrofes. Já não se imprimem. Ainda se vendiam no princípio dos anos sessenta.

Não oficial mas advindo certamente de um protótipo erudito, de devocionário?, a oração dedicada ao Santíssimo Sacramento, para recitar na igreja, antes de se ir comungar, de simbologia e metáfora tão expressivas (nº231, p.92). Cito:

Ó séculos, ó banquetes

ó pão de Cristo que se come
naquele sagrado alegrete
só ele nos mata a fome.

Naquela morada nova
Está Jesus encerrado,
naquela branca custódia
tem o seu divino estado.

Um dos aspectos mais significativamente formulísticos, arcaizantes e disponíveis, migrando de oração para oração ou aglutinando-se a romances sagrados que assumiram função de oração, muito particularmente os romances da Paixão de Cristo, são as “fórmulas de fecho”, que afirmam o efeito da oração, tendo indicado antes, quase sempre, a forma temporal e numérica da sua prática. São estereótipos formais de rara variação, de circulação alargadíssima, pan-europeia em tantos casos e cuja tradição formulatória mergulha no acervo simbólico judeo-cristão sobre a passagem da alma para o Além e sobre a Misericórdia Divina para com os contritos piedosos. Refiro, nesta colectânea, um fecho:

Quem esta oração rezar
Um ano dia a dia
A Virgem lhe aparecerá
Antes da morte três dias
Confessa-te pecador
Que atrás de mim e de ti
Virá o Senhor.

(nº 246, p.100)

e, toda, a pequena oração da noite cuja fórmula terminal contém duas imagens, frequentíssimas no Antigo Testamento, para invocar e definir a imensíssima Misericórdia do Senhor:

Virgem Pura, Virgem Pura,
que vosso filho pariste,
todo o mundo remiste,
remi-me Senhor,
que eu sou um grande pecador.
Arca da Santíssima Trindade
e flor da Virgindade
Castiança, castiança,
cálice e hóstia do altar.
Quem esta oração rezar,
à noite quando se deitar,
terá tantos perdões
como ervinhas verdes há no campo,
e baguinhas de areia há no mar.

(nº 243, p.99)

Terminamos este breve excuroso sobre as orações presentes nesta obra, *Tradição Oral Algarvia 1— Poesia recolhida na freguesia de Querença*, com o bonito romance/oração de *Santo António* que, até hoje, só conheço recolhido na tradição algarvia e não muito abundantemente. Rezava-se, por exemplo, na recitação do terço, na Quaresma, entre outros, mas era particularmente um romance do reportório petitorio dos “pobrezinhos de Monte Gordo”, que se deslocavam, em grupo, até longe, pelo interior algarvio, sobretudo na época magra do Inverno. Transcrevo-o aqui todo, na versão presente na colectânea:

Santo António se levantou numa manhã de geada,
Para Belém caminhou ver a Virgem Sagrada,
Ia no meio do caminho
Com seu Mestre se encontrou.
O seu Mestre lhe perguntou
Pra onde vais António?
Vou ver a Virgem Sagrada.
Volta para trás António que a Virgem não está em casa.
Santo António como Santinho
Pra trás não voltou.
Santo António que lá chegava, a Virgem que em casa estava.
Ó Virgem pura mãe de Deus, ó Virgem mãe sagrada,
Ainda agora me disseram que vós não estáveis em casa.
Quem te disse isso António, te falou a verdade,
Ainda agora aqui cheguei, ainda estou orvalhada,
Fui a Roma buscar o cálice bento e a hóstia consagrada,
Pra ires amanhã a Belém dizer uma missa cantada,
Toda a gente que lá estiver ficará toda admirada,
Que fradinho é aquele que diz uma missa cantada?
É o fradinho Santo António, fradinho da minha alma!
(n^os 283-286, pp117- 118)

Na colectânea não vem a indicação de “cantado”, pelo que a gravação não o tem tal, mas de uma outra versão que conheço deduzo, pela informação, que era salmodiado, como afinal quase todos os romances/orações e orações proferidos pelos pobrezinhos pedintes deslocando-se, e pernoitando, pelas aldeias e *montes* do interior algarvio. Michel Giacometti recolheu, cantado quase em tom de “ronda infantil”, por uma mulher⁴, uma *Oração de Santo António*, que é uma vertente diferente, no agenciamento, deste mesmo romance. Mantém, até onde a cantora suspendeu o canto, uma “estrutura dobrada” paradigmática, como acontece com certos “romancinhos” líricos de Trás-os-Montes⁵. Transcrevo:

Oração de Santo António

Santo António se levantou,
Santo António se alevantara,
Seu pezinho direito calçou
Seu pezinho direito calçara,
Cajadinhos d’ ouro tomou,
Cajadinhos d’ ouro tomara
Pra Belém caminhou,
Pra Belém caminhara,
Indo lá mais adiante,
Uma senhora encontrou,
Indo lá mais adiante,
uma senhora encontrara.
—Onde vais, ó Santo António,
Pra onde vais de jornada?
Pra Belém, minha senhora,
Vesitar a Virgem Sagrada.
Volta para trás, António,
Que a Virgem não está em casa.
Santo António, por ser mais santo,
Nunca para trás voltou.

⁴ Ver Arquivos Sonoros Portugueses, disco do Algarve, n^o6.

⁵ Ver Manuel da Costa Fontes, *Romanceiro de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, I, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1987, introdução.

Sem ter estrutura dobrada este início é comum a várias orações, até a Santo António, e, particularmente, de súplica de “espalhar trovoadas”, sob a invocação de S. Jerónimo ou de Santa Bárbara. Como o princípio, nesta colectânea (nº230, p.82), da de *Santa Bárbara*:

Santa *Barbinha* se levantou,
Seu pezinho calçou,
Sua manita beijou,
Com Nossa Senhora se encontrou,
Ela lhe perguntou:
—Onde vais, Santa *Barbinha*?
[...]

Não alargamos nem aprofundamos esta breve exposição, que nasceu de um apontamento de leitura, servindo-nos de poucos dados e perspectivando a escolha pontual dos exemplos muito sumariamente. Oferecemos, contudo, à *E. L. O.* este trabalho só ainda nos caboucos, como pesquisa, mas vivenciado pelo testemunho da minha própria raiz cultural do interior algarvio.

Lisboa/Loulé, Junho de 1994 e Lisboa, 26 de Janeiro de 1995